



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**ESPERTEZAS DE RATO**

■ Por LAURA CHAVES ■

Naquela casa velhinha,
há muito já que existia
sobre o solho da cozinha
uma grande rataria.
E rataria era aquela,
tão infernal e tão basta,
que a tudo dava mazela
essa bicheza nefasta.

Zombavam das ratoeiras,
do envenenado toicinho,
mas, se achavam petisqueiras,
logo o seu dente daninho
se ferrava gulotão,
e, dentada após dentada,
com grande sofreguidão
não deixavam nem pitada.

Entre os ratos existentes
havia dois, pequeninos,
muitíssimo inteligentes

de todos os mais ladinos.
Eram sempre os escolhidos
pelos outros mais ariscos,
por serem muito atrevidos
na pilhança dos petiscos.

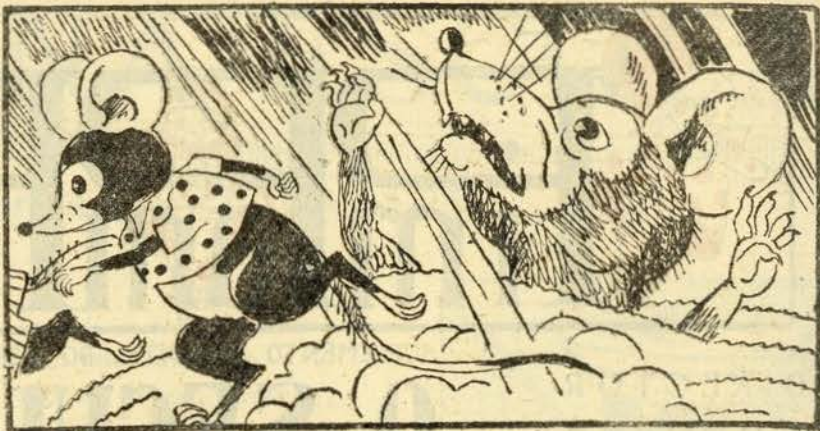
Correndo sem fazer bulha,
ligeirinhos sobre as patas,
deslizava essa patrulha
de verdadeiros piratas.
Tinham artes, tinham tretas,
e manha assaz conhecida
para entrarem nas gavetas
dos armários da comida.

Graças a tais desacatos,
inteligência e saber,
nunca á familia dos ratos
lhe faltava que comer.
Acatava-lhe os conselhos
toda aquela sociedade,
e até mesmo os ratos velhos
seguiam sua vontade.

Ora deu-se o caso, um dia,
de ali surgir, por desgraça,
no meio da rataria,
uma senhora arganassa



que quiz logo acompanhar
esses dois *Joões Ratões*
no seu contínuo lidar
em busca de provisões.
Os ratinhos não gostaram
da ratazana abelhuda
mas nunca recalçitraram
porque a bicha era taluda.
Mesmo inspirando receio
era a custo que a sofriam!
Pois se ela achava mal feito
tudo quanto eles faziam!
Dizia para os vexar
com um ar muito ordinário:
— Eu cá no vosso lugar
teria feito o contrário.



Um dia a rata acamou
com uma dôr num queixal
e não os acompanhou
no seu giro habitual.
Alegres e saltitantes
marcharam os dois ratinhos.
Iam loucos, ridentes,
por se encontrarem sózinhos.
E o que haviam de topar
a um canto da despensa?
Muito gôrda, a arrebentar,
uma saca enorme, imensa!
Cheiraram e recheiraram
para vêr o que continha,
té que, por fim, concordaram
estar cheia de farinha.

Vai depois o mais velhaco,
senhor de grande esperteza,
na saca fez um buraco
para ter bem a certeza.

E êle, mais o seu amigo,
viram, com muita alegria,
que era farinha de trigo
o que da saca saía.
Mas que bela petisqueira!
Ruminando tal delícia
foram os dois, de carreira,
dar aos outros a notícia.

Ao ouvir tão boa nova
a arganassa, o bicho fero,
já sãzinha como um pero:
— Farinha! Isso é paleio! —
disse, em risadas trocistas:
— Só quando vir é que eu creio,
você são uns fantasistas!
— Julga, então, que me desban-
ca? —

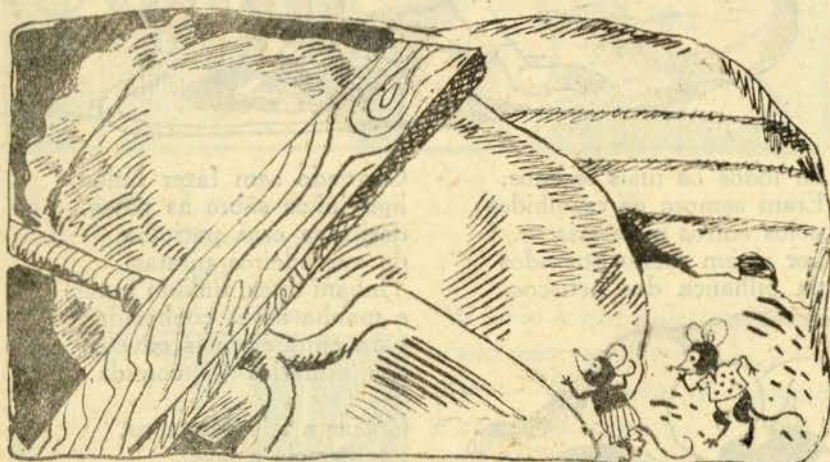
o outro ratinho diz,
— Veja esta pintinha branca
que eu tenho, aqui, no nariz.

Quem se fez branca foi ela...
Era farinha a valer!
Mas a rata tagarela
não deu o braço a torcer,
pondo-se logo a gritar
com o bigode irriçado:
— Eu preciso examinaç
o vosso tão belo achado. —

Depois, já mais amansada,
comentava assim: — Ai! filho!
Eu não provo nem pitada
se a farinha fôr de milho. —
Correu, tôda pressurosa,
acompanhada dos dois,
cheirou a saca famosa,
provou a amostra, e, depois,
— nem sei bem como contar-
vos —

cheia de gula, aos pulinhos,
deu uma roda de parvos
aos desgraçados ratinhos,
porque eles haviam feito;
que estupidez, que arrelia,
um buraco muito estreito
por onde pouco saía.
Eles veriam, agora,
qual a manobra a fazer
e vai logo, sem demora,
pôs-se a roer, a roer...
Alargou tanto o buraco,
roeu tanto e tanto, á tôa,
que se esvaseou o sacco
e a farinha atabafou-a.

Esta história é engraçada
e tem ótimo conceito:
á bruta, ninguém faz nada,
o que é preciso é ter jeito.



O LINDO LIVRO PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século pôs á venda e de que são autores **Graciette Branco** e **Augusto de Santa Rita** é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

O CEGO da MINHA RUA

■ P O R M Á R I O A Z E N H A ■

A' minha filha e a todas as filhas que dão a luz da esmola — áqueles que não têm a luz dos olhos.

O cão vai adiante. E' a candeia que alumia o cego.

Da coleira sobe uma corda; é ela que conduz o dono, na sua peregrinação pelo mundo, através das ruas da cidade.

Pigarço e lanzudo, tipo desnaturalado *Serra da Estrêla*, o animal, que seria bonito se não abolisse o banho dos seus hábitos, tem «cara» de filósofo e um ar de fadiga, mansarrão e pachorrento. Esta disposição, abrange de forma tão ostensiva sua corpulência de molosso que até parece abater-lhe as proporções.

No olhar inteligente, fulguram-lhe melancólicos reflexos de piedade quando fita o dono atrás de si, andrajoso, parado, inexpressivo, a tactear o vácuo como a procurar nêle uma luz distante que jámais encontra — ou da compaixão do céu um lampejo que não chega nunca!

Não conhece outra família. Outros cuidados a ninguém inspira o pobre cego. Só o cão para êle é *alguem...*

E' o seu bordão, a sua bússula, o seu companheiro, o pão para a boca, o braço que o defende, a carícia que o conforta, o lume que o aquece.

— Uma esmolinha ao ceguinho!

Todos os dias os vejo na minha rua. A cada porta, maquinalmente, o animal detem-se e dá o sinal convencional, tocando-lhe o focinho nas pernas. Então êle, vá de bater de leve com o estadulho de que vai munido, e, acto contínuo, ouve-se a jeremiada lamentosa, moída e remoída, mas sempre esperançasada:

— Uma esmolinha ao ceguinho!

Se calha de ser ouvido — ai! tão poucas vezes isso acontece! — é ainda o meigo «piloto» que lambe, agradecido, as mãos á bemfeitora.

Na rua, atento e cauteloso ao trânsito de veículos, o guia procura de preferência o piso dos passeios, não vá um descuido seu expôr a perigos aquela vida enaltecida e triste, que se lhe entregou, confiante.

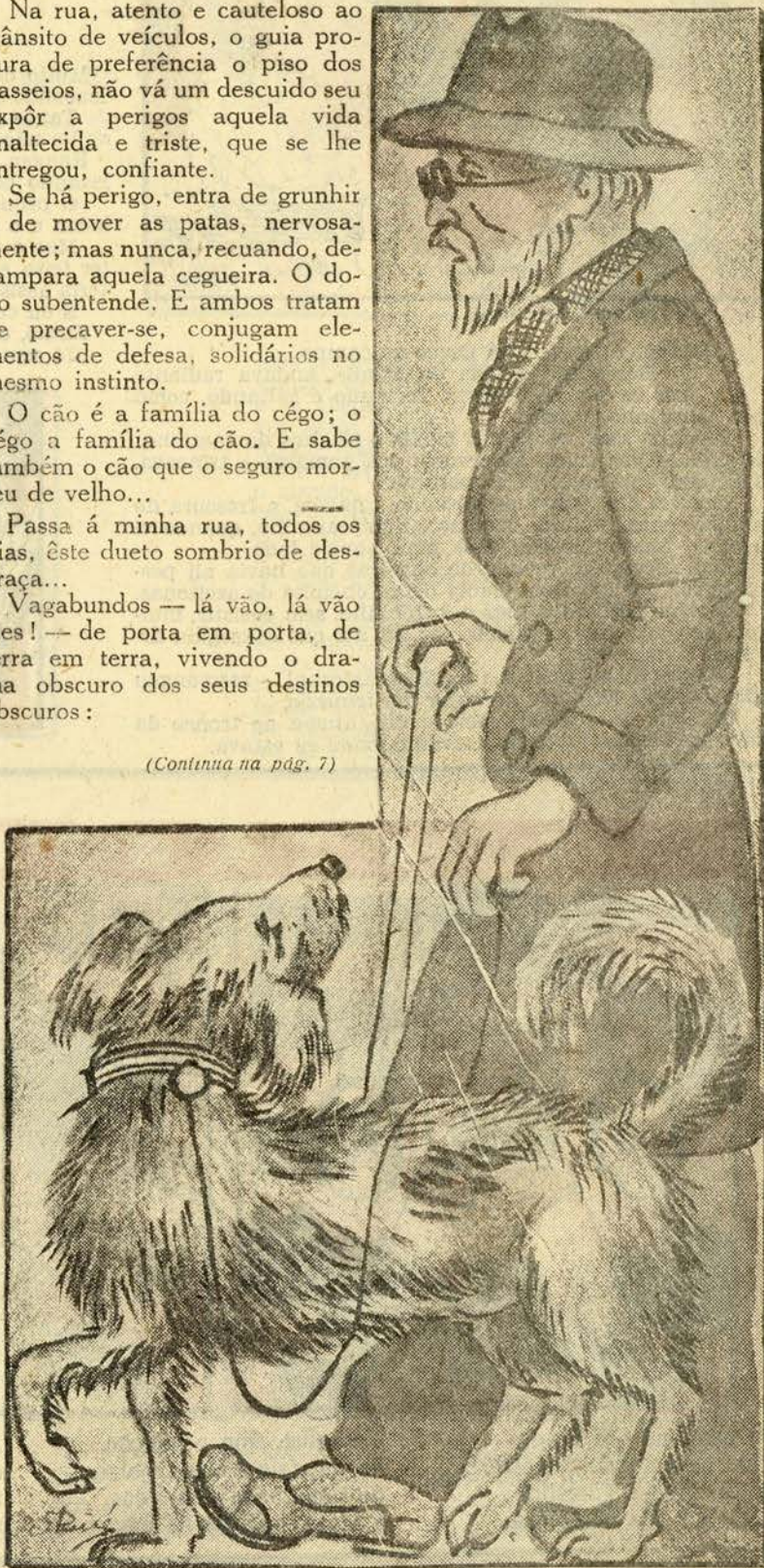
Se há perigo, entra de grunhir e de mover as patas, nervosamente; mas nunca, recuando, desampara aquela cegueira. O dono subentende. E ambos tratam de precaver-se, conjugam elementos de defesa, solidários no mesmo instinto.

O cão é a família do cego; o cego a família do cão. E sabe também o cão que o seguro morreu de velho...

Passa á minha rua, todos os dias, êste dueto sombrio de desgraça...

Vagabundos — lá vão, lá vão eles! — de porta em porta, de terra em terra, vivendo o drama obscuro dos seus destinos obscuros:

(Continua na pág. 7)





ANTONIO chegara há pouco ao campo.

Habituação à vida da cidade, andava radiante por se ver ao ar livre, correndo e saltando, como um cabritinho à solta.

Se tinha sede, bebia nas fontes e ribeiros do caminho; se tinha fome, subia às árvores dos pomares e trincava, deliciado, bela fruta sã e apetitosa.

Ora um dia, estava eu gozando, também, a frescura da manhã, encarrapitado na haste dum carvalho, quando vi o nosso Antoninho dirigir-se para aquele lado.

Mal chegou ao renque de oliveiras que havia ali perto, puxou por um ramo duma delas, cheio de azeitonas. O ramo não cedia, mas o Antoninho, sem desistir, muito afogueado, puxou, puxou, por êle, até que conseguiu arrancá-lo da árvore.

— Este diabo fazia-me aqui transtorno! — resmungou alto. — Neste sítio vou arranjar um trapézio.

E sacou da algibeira uma corda, atou-a ao tronco da oliveira e a um ramo do carvalho, onde eu estava.

AS ÁRVORES AMIGAS

POR ANA ABICHÃO
Desenhos de A STANÉ

Muito divertido da sua vida, pendurou-se na corda, balançando-se para um e outro lado.

Tanto balouçou, tanto balouçou, que o ramo do carvalho não aguentou o peso.

Rançou, como gemendo de dor, e zás!... caiu no chão levando consigo o Antoninho.

O pequeno viu-se por terra, com as pernas todas esfoladas e o corpo muito dorido do formidável trambolhão.

Mas o que mais lhe doía era a má figura que poderia ter feito e logo olhou em roda a certificar-se se alguém teria assistido áquele vexame.

E eu caladinho que nem um rato!...

Então, o nosso Antoninho lá se levantou, a custo.

Já sem vontade de brincar, muito moído da queda de

deu-se a procurar sombra, á roda do carvalho, para descansar um bocadinho.

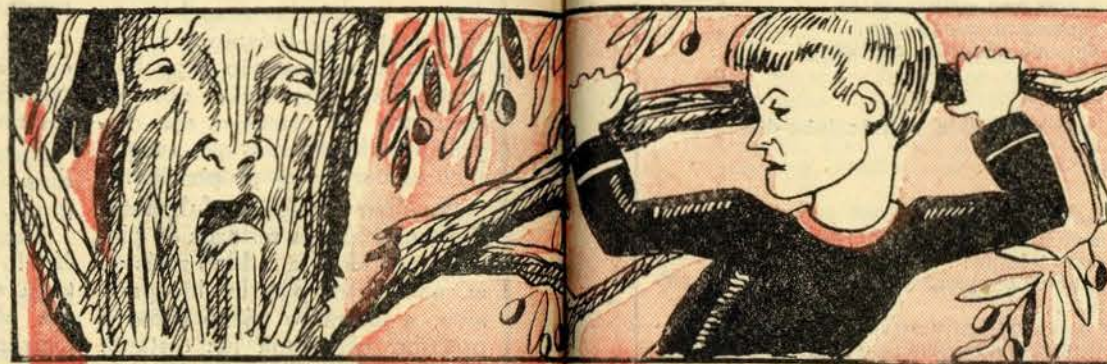
Mas, por mais voltas que desse, o sol batia-lhe em cheio na cara.

Escondi-me num bogalho e gritei-lhe:

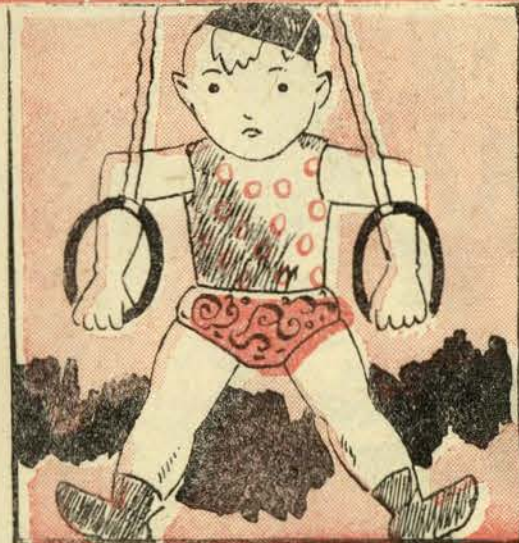
— Mereces grande sermão,
pela tua feia acção!
Vês, meu rapaz,
que falta faz,
a bela haste
que tu tiraste?
Com seu folhêdo,



esse arvorêdo
sombra te dava
e te abrigava...
Por seres brutal,
fizeste mal!...
Ouve o gemido,
o alarido,
esse lamento
que leva o vento!...
E' como um ralho,
do bom carvalho!
A árvore chora,
não se consola!
Está mutilada,
— pobre coitada! —
tu lhe arrancaste,
tu lhe cortaste
por impecilho,
um lindo filho!



HERÓI DE CÁ-CÁ-RÁ-CÁ

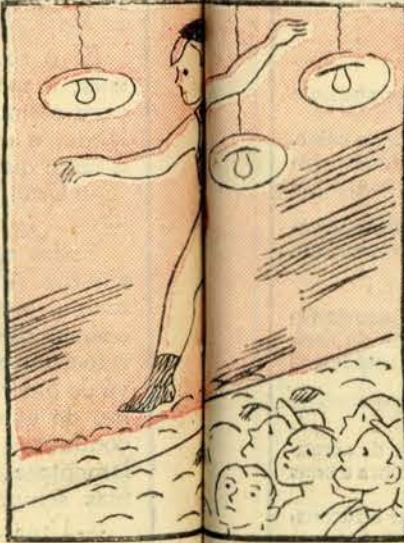


O pequeno «Zé Maria» tem uma queda fantástica para saltos e ginástica da mais alta acrobacia.

Trabalha, com perfeição, no trapézio e nas argolas, de sapatinhos sem solas, e luvas próprias na mão.



Anda igualmente no arame, como em terra. Se às lições tivesse tais perfeições, não perdia um só exame.



Um certo dia, recusou-se a trabalhar, podendo ganhar a vida com qualquer coisa.



Ao ver o filho tão quêdo, pergunta-lhe a Mãe, então, qual o motivo, a razão de tão repentino medo.

«Zé Maria», num berreiro, mostra-lhe um galo na tóla, que, quando jogava à bola, lhe fizera um companheiro.



Leitor, a moralidade deste conto eu já vos digo: — Só é herói, na verdade, quem conhecer bem o p'riço.

Na verdade, a folhagem do carvalho, numa restolhada tristõha, fazia um barulho lamentõso que parecia um queixume!

E aquêlo ramo arrancado ao tronco e que jazia morto no chão, deixara como uma ferida na arvore mãi!

Agora calculem a cara enfiada do Antoninho, ao ouvir o que eu lhe dizia!

Muito nervoso, procurava com os olhos onde estaria o dono da voz que lhe ralhava.

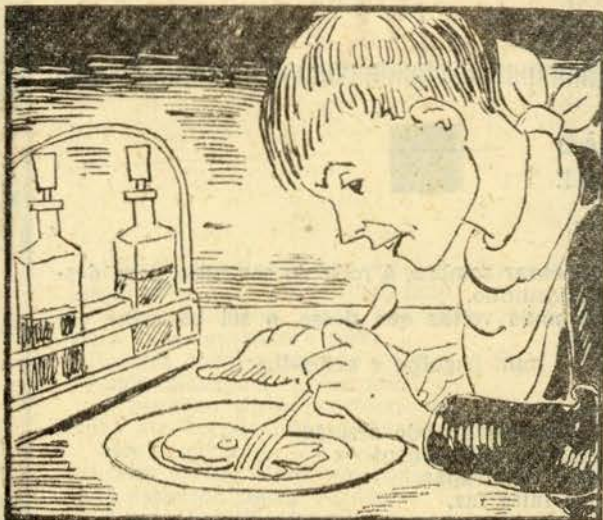
E, cheio de mêdo, tratou de voltar para casa.

Ninguém o avisára que havia bruxos no campo e arvores que choravam!...

Ao almoço já êle estava mais aliviado e com grande apêite ao belo peixe cosido que via no prato.

Mas quando chegou a ocasião de se servir de azeite, eu, que entrára na casa de jantar, feito em môsca, vim zumbir-lhe ao ouvido:

— Azeite não é para ti.
tira já a mão daí!
Lembra-te de que maneira,
arrancaste à oliveira,
— p'ra isso viste uma fõna! —
o raminho da azeitona,
donde vinha o bom azeite
que lambias com leite! —



a tua tão feia acção!
E pois bem melhor, então,
reparar no que te digo!
Quando não ralho contigo!

A-pesar de muito assustado, o Antoninho fazia de conta que não me ouvia!

Com uma voz sucumbida, o Antoninho disse para a mãi:

— Não quero hoje azeite.
Gosto mais do peixe sem tempêro! —
O menino está tolinho!
Porque não há-de temperar o peixe! Há lá cousa melhor que azeite!... —
E ia pegar na galhêta para servir o filho mas o Antoninho, que continuava a ouvir o meu zumbido de môsca: — ze-ze-ze:

— A todos irei contar,
para te envergonhar,
a tua tão feia acção!... —

Gritou, muito aflito:

— Ô mãisinha não me deite azeite! Acredite que hoje não quero! —

E desatou a meter, à pressa, na bõca, pedaços de peixe.

— Bem! Bem! Ao menos, come devagar! Senão castigo-te! Estás, hoje, um menino cheio de caprichos! — fez a senhora zangada.

Cabisbaixo, fazendo beicinho, o pequeno tratou de engulir o sensaborão peixe cosido, já sem vontade nenhuma de comer.

Que falta não fazia o temperosinho de azeite!

A môsca tinha razão!... pensava consigo. — Aquêlo ramo que êle arrancara da oliveira estava cheio de azeitõnas, quere dizer, duma porçõasinha de azeite, que talvez desse para temperar o seu peixe!

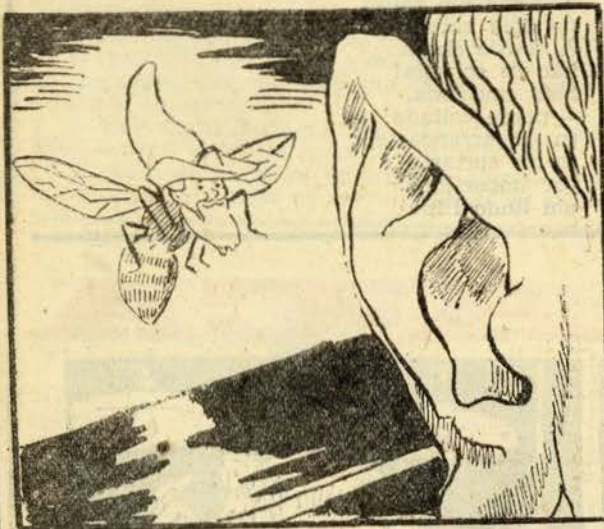
Era uma môsca sábia que tudo calculava!

Foi por bem aquêla lição!

Nunca mais o nosso Antoninho teve vontade de arrancar ramos às boas árvore que nos dão bela sombra e bons frutos.

A' sua custa aprendeu o mal que pode causar a inconsciência de certos meninos que maltratam as árvore.

E o vosso Anão, se vos contou êste caso, foi para que vocês se lembrem sempre da lição que êle deu ao Antoninho.



Quem sabe se seria imaginação sue, aquêla voz que saía duma môsca? pensava êle.

Com a mão, enxotou-me e deitou sôbre o peixe uma uma porção de azeite.

E eu, o que fiz?

Voêi com as minhas asinhas de môsca e vim pousar em cima do peixe apêitoso.

Logo, a mãi do pequeno disse para a criada:

— Leve êsse prato do menino.

Está sujo! —

Tornou a servi-lo e eu, já de volta, tornei a zumbir aos ouvidos do Antoninho:

— Se azeite deitas no prato,
verás como o desbarato!
A todos irei contar,
para te envergonhar,

CONCURSO epistolar

ORGANIZADO
POR
GRACIETTE BRANCO



Meus Meninos

Já há muito tempo que não tenho o prazer de conversar com vocês e, para que não nos esqueçamos uns dos outros, tive agora uma idéa de mútua aproximação.

Vocês regressaram das praias, termas ou campos e, na sôfrega ância de aproveitarem todas as horas de férias, foram capazes de pôr de lado o vosso querido «Pim-Pam-Pum» e de esquecer a grande amiguinha Graciette, que os tem, a todos, dentro do coração.

Resolvi, pois, fazer uma combinaçãosinha com vocês, combinação que é, ao mesmo tempo, um concurso: — Das vossas casas cidadinas onde agora se encontram, de todos os pontos do País, vão-me enviando as vossas notícias, escrevendo-me cartinhas, onde me contarão todas as vossas alegrias, as vossas impressões, dizendo-me o que fazem durante o dia, a maneira, enfim, como aproveitam o vosso tempo.

Serão cartinhas simples, espontâneas, «sem intervenções de espécie alguma...»

(Olhem que a amiguinha Graciette percebe tudo...)

O concurso é muito simples e consiste no seguinte: — em serem premiadas — com esplêndidos prémios, — as quatro cartas melhor redigidas e que não apresentem um único erro de ortografia. Não quero frases de grande recorte literário nem palavras bombásticas. Apenas desejo que sejam correctas de forma, com estilo simples e gracioso. Quero que os meninos se habituem a redigir, apenas com as vossas cabecinhas...

Ora muito bem: os meus meninos vão-me escre-

vendo, sempre que lhes apatecer e, no fim do ano, pelo Natal, com um júri de toda a competência, proceder-se-há ao confronto das cartas recebidas e á distribuição dos prémios que são os seguintes:

«Até 9 anos de idade:»

- menina — uma linda boneca.
- rapaz — um bela espingarda.

«Até aos 16 anos de idade:»

- menina — um lindo estojo de costura.
- rapaz — uma máquina fotográfica.

Far-se-há, depois, uma meticolosa escolha de todas as cartinhas e serão publicadas no «Pim-Pam-Pum» com elogiosas referências, as fotografias dos autores de todas aqueias que melhor redacção e ortografia apresentarem.

Entretanto, e á medida que eu fór recebendo as vossas cartas, a elas irei fazendo alusão, na secção de correspondência do vosso velho «Pim-Pam-Pum».

Todas as cartas devem ser-me dirigidas para o «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século — Lisboa.

Mãos á obra! Não esqueçam o meu pedido! Cá fico esperando as vossas cartinhas, meninos de Portugal!

Ao menos uma ou duas cartinhas, de cada um, durante dois meses... não é exigir muito...

E pensem na grande alegria de receberem um esplêndido prémio no fim do ano, ou seja pelo Natal.

Amiguinha e madrinha

Graciette

O CEGO DA MINHA RUA (Continuação da pág. 3)

— Uma esmolinha ao ceguinho!

E comove-me a sorte de ambos. Empolga-me. Sôfro ao vêlos e ainda mais da indiferença dos outros, dos felizes, dos ricos, dos perdulários; daqueles a

quem a fortuna sorri e o egoísmo emparedou a consciência.

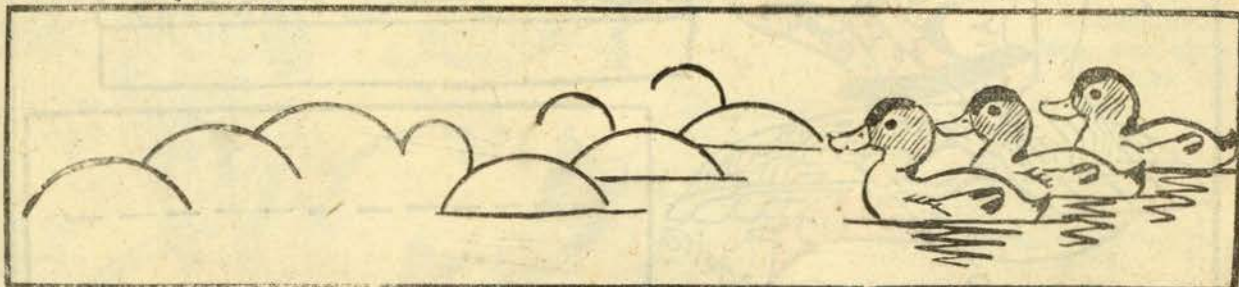
E fico-me, enternecido, a olhálos e a segui-los, dominado pela ternura humilde de um e pela fatalidade resignada do outro.

Que este cego não é cego, não

resta dúvida. Achou o cão a luz que êle perdeu. E, generoso, não quiz êle só partilhar dela...

Foi um cão que achou a luz dos seus olhos: não foi nenhum dos seus semelhantes. Do mal o menos para o pobre cego!...

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha uns patos a nadar

Uma ovarina



Depois de recortadas,
colar as figuras uma na
outra.

Colar as figuras em
cartulina.

Base em madeira →